



EX-LIBRIS

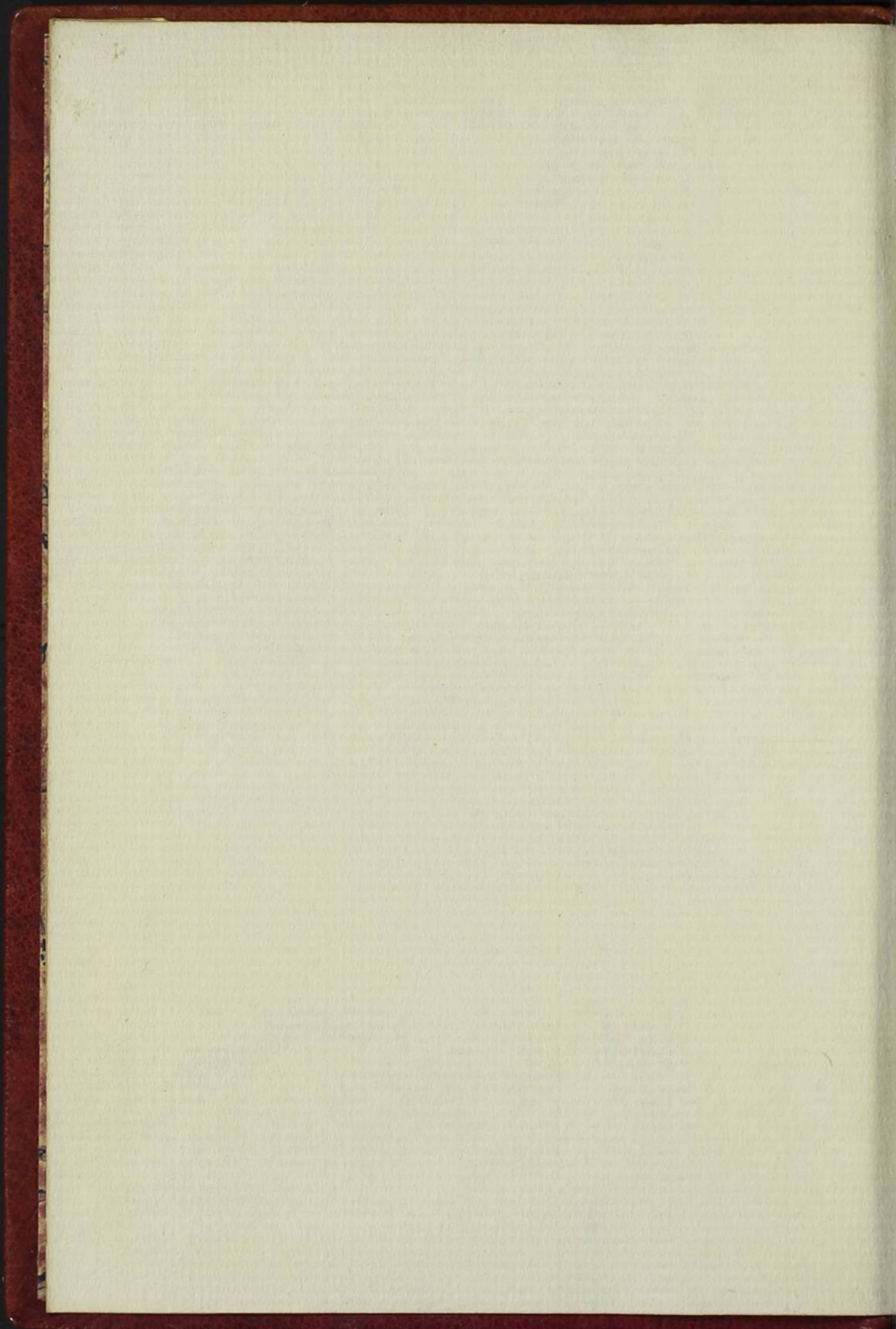
BORBA
MORAES

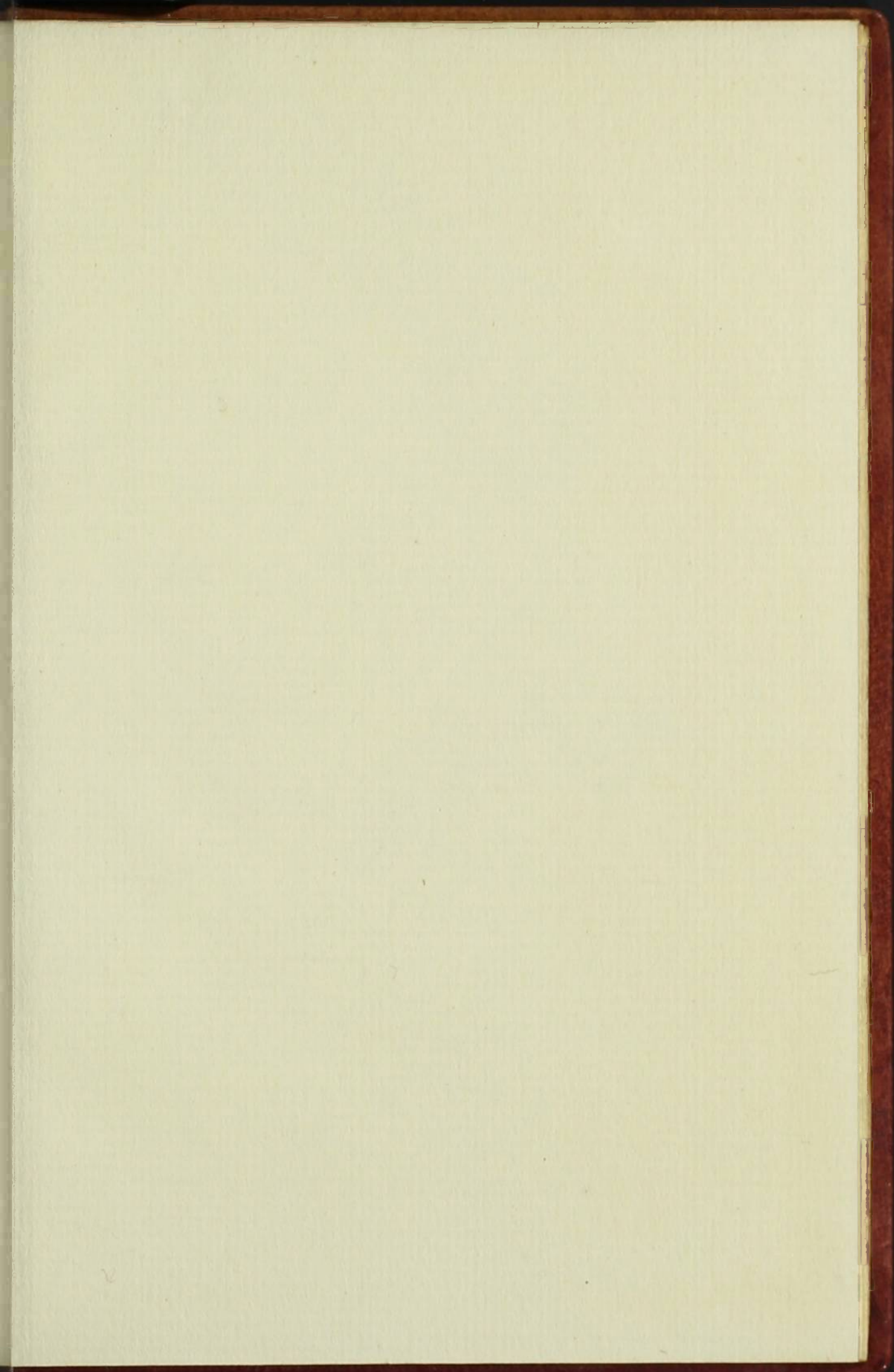
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

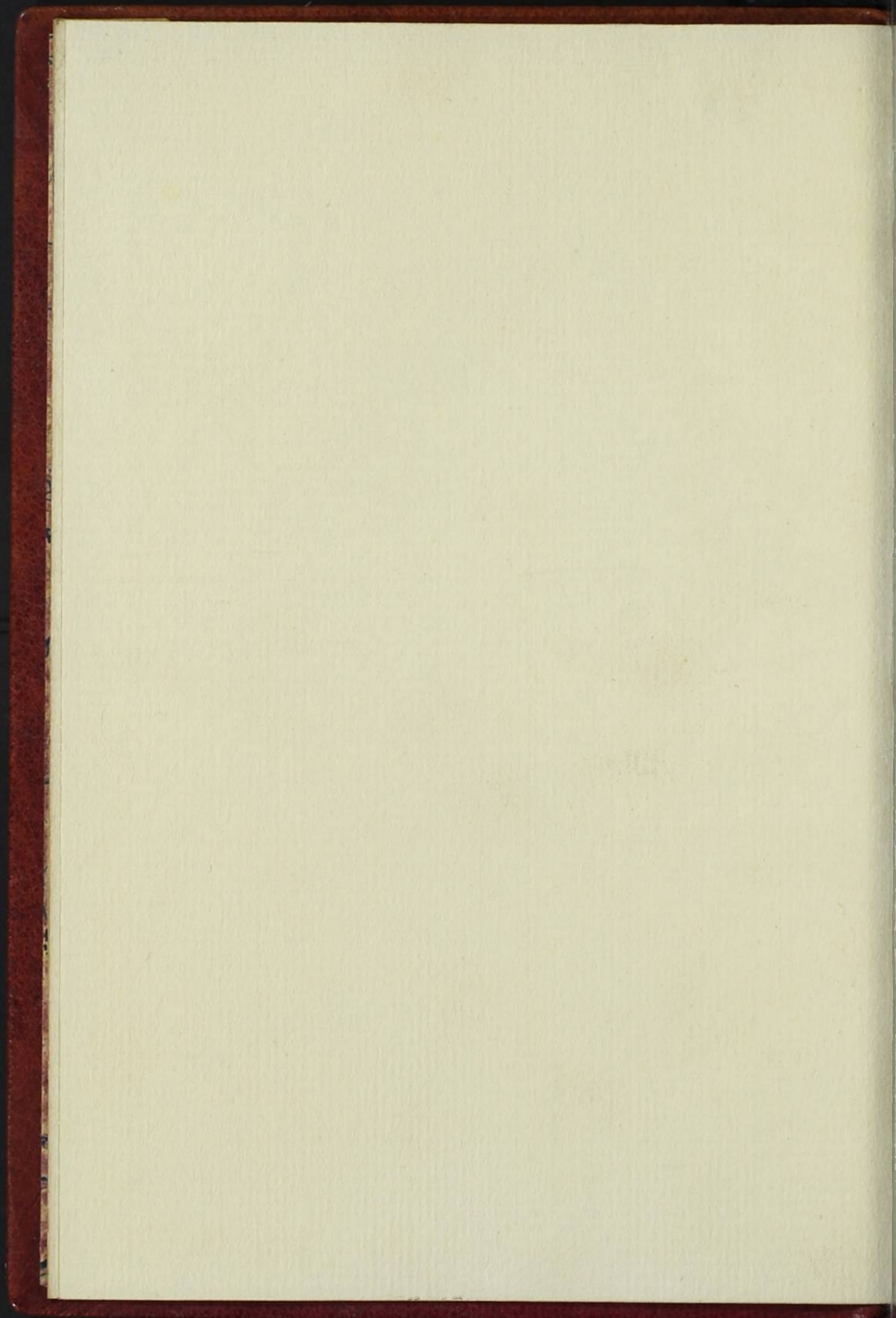
AKSC

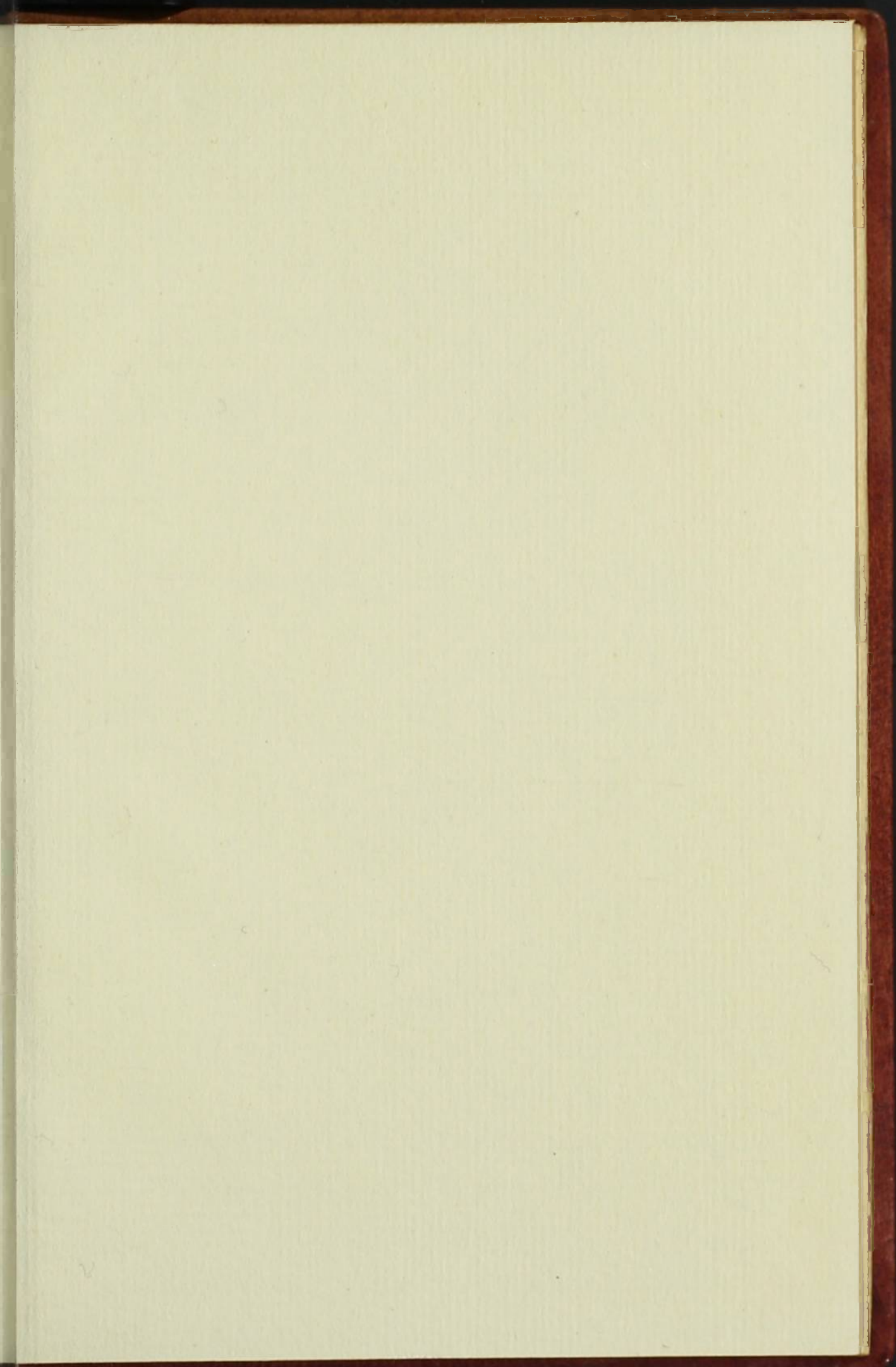
W.

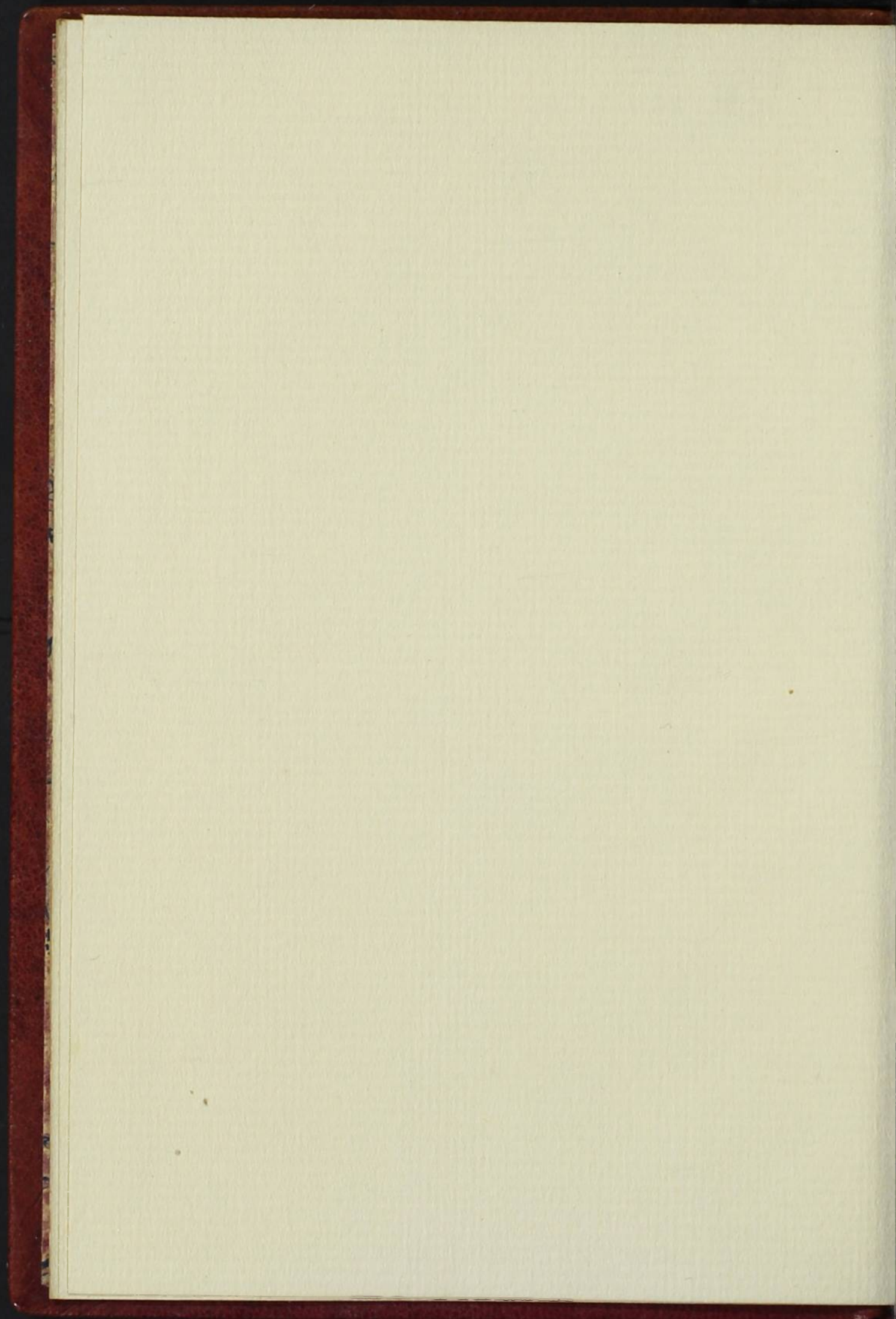


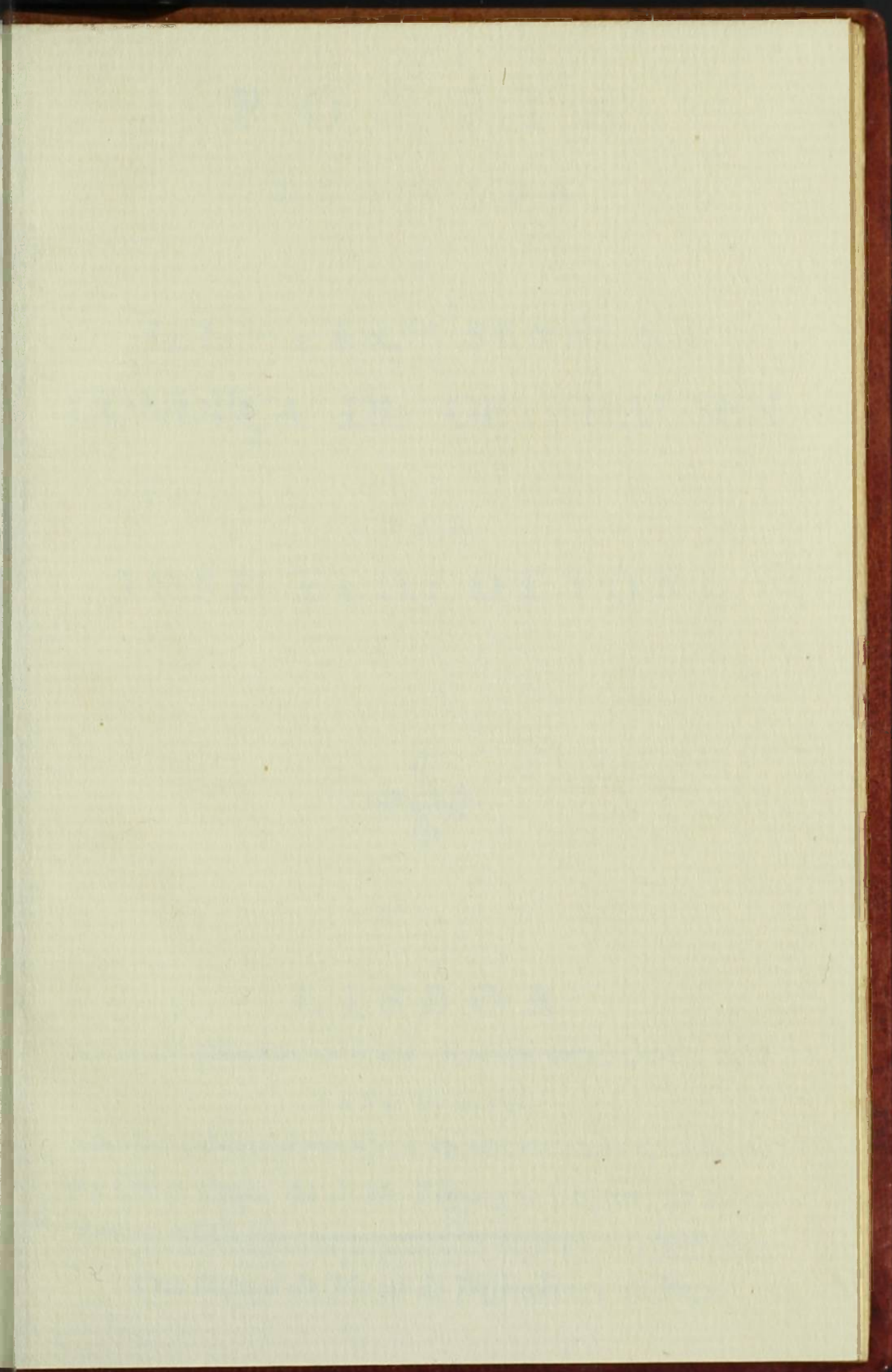


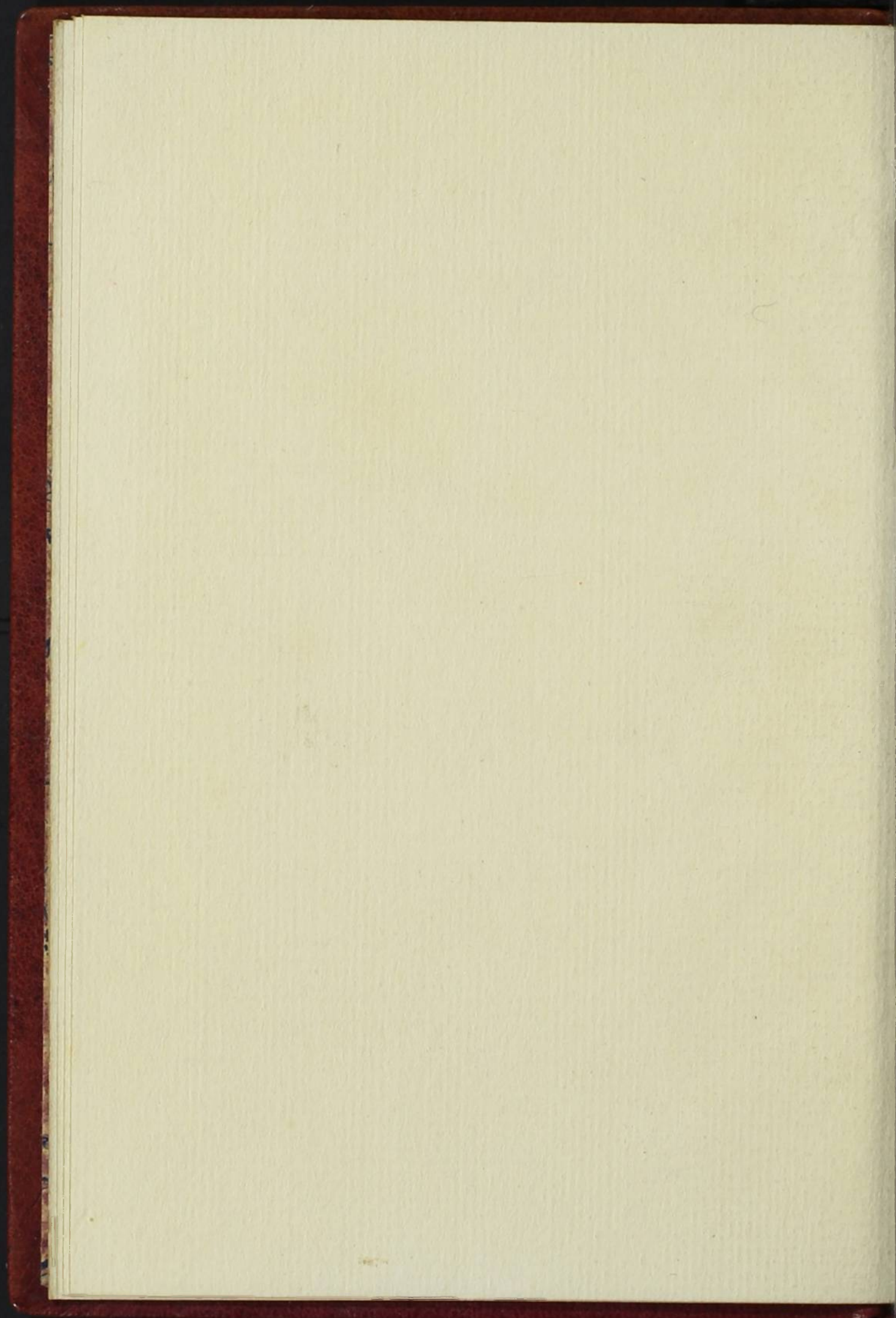












P O E S I A

D E D I C A D A

À

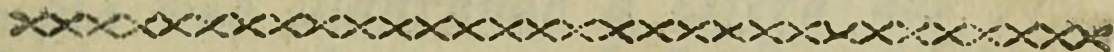
ILL.^{MA} E EX.^{MA} SENHORA
CONDEÇA DE OEYNHAUSEN

P O R

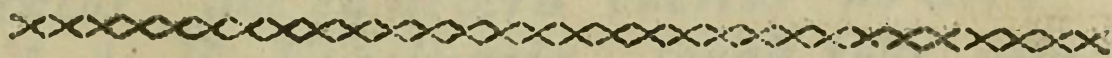
JOSE' ELOI OTTONI.



L I S B O A



A N N O M. D C C C I.



Na Offic. Patr. de Joaõ Procopio Correa da Silva.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

P O E S I A

D E D I C A D A

A

ILL^{MA} E EX^{MA} SENHORA

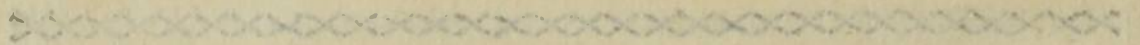
CONDEÇA DE OBYNHAUSEN

P O R

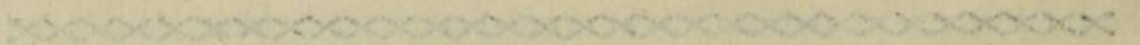
JOSEF ELOI OTTONI



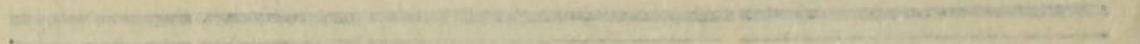
L I S B O A



ANNO M. DCCC.



Na Offic. Patr. de José Procopio Coura da Silva.



Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ILL.^{MA} E EX.^{MA} SENHORA.

O S Seculos do egoismo tem recuado, e o verdadeiro sabio respira hum ar mais puro, á proporção que os raios de filantropia vão illustrando a esfera dos conhecimentos humanos. São estes os sentimentos, que eu devera excitar no Coração de V. Excellencia, senão fosse justamente persuadido da sua erudição e humanidade. Seguro destes principios he que

me proponho offerecer a V. Excellencia alguns rasgos da minha imaginaçãõ. O genio raro, a tendencia, com que V. Excellencia propende a todos os genios entregues ao gosto das Bellas-Letras livremente pôde desenvolver as idéas, que ao travez do seculo trasluzem no curto espaço deste folheto, em tudo semelhante ao pequeno graõ de semente, que o Agricultor lança na terra; o qual se fructifica, he sõmente, quando chega a propria Estaçãõ.

Beija as mãos de V. Excellencia

O mais respeitoso servo

José Eloi Ottoni.



O D E

A SUA ALTEZA REAL

SERENISSIMO PRINCIPE REGENTE

SENHOR D. JOAÕ.

*... Utcunque ferent ea facta minores :
Vincet amor patriæ* • • •
Virg. Æneid. Lib. 6.

Assás os Gamas, e Albuquerque viraõ
De horrifonas procellas
Quebrar de encontro aos Lenhos a implacavel
Soberba de Neptuno.
Affas de envoltas nuvens defenrola
O cabo tormentoso,
Encapellado desabrocha o manto
Dos negrumes, que envolvem
Affogueados, e incendidos globos
De eléctrica materia.
Affás do torvo Eólo a hirsuta grenha
Carrancuda desata
Turbilhões rugidores, que arrostando
As tremolantes Quinas
De crespas ondas empinadas ferras
Sobre as nuvens levantaõ.

Affas a furia dos cavados mares
 Imperiosa ostenta
A força vingadora dos perigos,
 Que luctaõ com a morte
Entre os espaços émulos da gloria,
 Que os Lusos lhe arreбатаõ.
Affas irado Jove os Ceos enluta ;
 E da rubente dextra
Os raios desprendendo arroja hum globo
 De pavorosos males
Sobre os florentes muros de Ulliffêa ;
 Quando guerreiros peitos
Estremecem de raiva, quando afflige
 Dos heroes a progenie
A maõ cruenta, que lhe impoem os ferros
 Da servidaõ injusta.
Affas em fim a devorante coma
 Do rápido Vulcano
Lambendo irada porticos soberbos,
 E turriões sagrados,
Derrete o bronze, o mármore derriba ;
 E o raivoso Neptuno
De hum sorvo engolle as cinzas inda quentes
 Da lúgubre Lisboa,
Quando nos duros eixos revolvido
 Treme ruidoso o centro.
Tu, que transpondo, ó Lusitania, os marcos,
 Na maritima Escóla
Creaste heroes, que do trifulco sceptro
 O ceruleo dominio
Nas mãos tiveraõ ; que da roxa aurora
 O apavonado leito
Rompendo o antigo obstac'lo descobriraõ ;
 Tu que intrépida oufaste

Calcar a infame, triplice cabeça
 Ao monstro virulento
 Da calumnia fatal, do negro embuste;
 Que ao sceptrigero Tejo
 Ornando a frente de ganhados loiros,
 Benigno acolhimento
 No patrio seio franqueaste ufana
 A's Sciencias, e ás Artes:
 Tu que os ferreos grilhões despedaçando
 Ergueste o Throno avito
 Sobre despojos e troféos de Marte;
 Que derramando o sangue,
 Que expondo a propria vida... Oh! Patria! Oh tempos!
 A Mauritana lança
 Impavida affrontaste; agora temes,
 Lusitania? Desmaias?
 Não vês ainda os ramos, que brotaraõ
 Dos intrépidos Nunos,
 Dos Castros fortes, dos Cabraes valentes?
 Não vês... porém tu calas!
 Não vês ainda os netos do Albuquerque,
 Do illustre Gama os netos?
 Que horror! Oh Ceos! Que nódoa estranha e feia!
 Que densa escura nuvem
 Se oppoem ao astro da brilhante Elizia!
 Os lenhos, que cruzavaõ
 Placido ruino nas do azul Tridente
 Diáfanas campinas...
 Aquellas Argos, que infunando as vélas
 Cubiçofas de gloria,
Os mares nunca d'antes navegados
 Rompêraõ, retalháraõ,
 Soffrendo agora a injuria, a torpe mancha
 De pálido desmaio,

Vaõ , primeiro que hum vortice as devore ;
 Ser opimo despojo
 De Sauromatas vis , Scithas cruentos.
 Da estallada Officina
 O raio atroador rimbomba , e bate
 O undívago costado
 De prisioneiras Lusitanas quilhas.
 As Tagides de pejo
 Cobrindo as faces vergonhosas soltaõ
 As húmidas madeixas ;
 E mergulhando ao centro undoso levaõ
 A triste , ingrata nova.
 Já dos olhos de Elizia o pranto verte ;
 O provido Commercio
 As auríferas urnas entornando
 Sobre as veias do Estado
 Tímido encofsta a languida cabeça ,
 Que opulenta exaltava.
 A origem da abundancia , a Industria para ;
 O Agricultor confuso
 Vacila , e treme. Aviva os duros rasgos
 De Bellona cruenta
 Sórdido Bronte , que caldeia o ferro ,
 Que as Estígias entorna ;
 Sobre as bigornas ferve a obra ardente :
 Estruge a mordaz lima ;
 Os trovões , que rebenta a Artilheria ,
 Vomitando peloiros
 Por flamívomas boccas de Vulcano ,
 Annunciaõ a guerra
 Detestada das mãis , e das esposas.
 O sangue , que nas veias
 Palpita . . . irado . . . Céos ! Que estranho e novo
 Prodigio he este ! As cordas

Desafinaõ ! Desmaia , desfallece
 A trepidante dextra !
 O Divino instrumento , a eburnea lyra ,
 Oh dadiva Celeste !
 Das mãos me cahe despedaçado e roto !
 Potente , occulta força
 Me agita , e me transporta. Eu já resfolgo
 Appollineo ambiente.
 Novo claraõ , que nutre o incendio d'alma ,
 Me inspira , e me arrebatã.
 Em vez da eburnea lyra a lyra de oiro
 A Musa me apresenta ,
 Péga (me diz) , naõ temas , eu t'inspiro ,
 E se cantar naõ ousas ,
 Toma esta folha , e abrindo-a estuda os factos
 Da época presente
 Que novos orbes ao travez descubro
 Da pálida tristeza !
 Que doirada estação promette aos Lusos
 A suspirada messe !
 Annuncios de prazer , os precursores
 De hum júbilo innocente
 Bafejaõ sobre os Povos. Brota o germen
 Da pacífica Oliva :
 Do illustre loiro os ramos reverdecem.
 Vem , ó prole fagrada ,
 Vem , ó filha do Ceo doirar de novo
 A Lusitana prole :
 Vem de novo habitar nas fulvas margens
 Do ameno e Patrio Téjo.
 Enxuga o pranto á descontente Elizia ,
 Que afflicta , e consternada
 Ouvindo os ais , os lúgubres suspiros
 Da ensanguentada Europa

Abre os thesoiros , com que a guerra illude ;
 E affiançando o preço
 Da fiel Amizade , estreita os laços
 Do amor , e da concordia.
 Vem , ó doce uniaõ dos Póvos cultos ;
 Vem , ó meiga amadora
 Do Commercio , e da Industria ; os Povos abrem
 Para hospedar-te o peito ;
 Nelle te off'recem cómodo aposento ,
 Aonde recomeces
 Hum novo plano de sutil desenho
 Talvez compadecido
 O Ceo de ouvir clamores se entorneça !
 Da Europa as roxas faces
 Denegridas co' sangue repizado
 O Ceo talvez piedoso
 Determina envugar ! Mas ah ! que occulta
 Soberba maõ te prende
 Os amorosos braços ? Quem te arranca
 Os suspiros do peito ?
 Ainda , oh dor ! profegue a fome insana
 De ruina , e estrago humano ;
 Eriça o monstro ainda a viperina
 Cama do audaz orgulho ,
 Que devora as Nações. Das rotas veias
 O cruor palpitante
 Tem coberto de nódoas a arriscada
 Progenie de Japeto.
 O trama informe , o affomador orgulho
 Dos Cassios , e dos Brutos
 Tem dispertado a fraudulenta insania
 Dos Marios , e dos Scyllas.
 Do Lacio antigo a generosa força
 Succumbe ao pezo informe

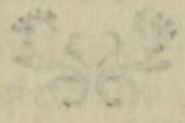
Da soberba , e do orgulho. O leão furioso ,
 Que os Francos arrostarão ,
 Rangendo os dentes , affanhado ronca ,
 Em quanto a fome ceva
 Do Britanno feroz. Remonta as nuvens
 Cançada a veloz Aguia.
 E o novo Augusto as rédeas meneando
 De hum governo tranquillo
 Acode aos Póvos , que com furia pedem
 Vingança contra os Parthos.
 Qual Fabio tardador , qu'esprieta , e mede
 As forças combinadas ,
 O fangue não derrama , o fangue poupa
 A' Leza Humanidade
 Principe augusto , os Povos reconhecem
 O paternal carinho ,
 A fôfrega , e cuidadosa vigilancia ,
 Com que invicto te empenhas ,
 Com que te exforças valeroso a dar-nos
 O suspirado enleio
 Da concordia feliz , da paz sagrada :
 O espirito aquieta :
 Tens hum Povo , Senhor , que te confagra
 Amoroso respeito ,
 Que te jura obediencia , que te guarda
 A fé mais pura , e intacta ,
 Do contagio da Europa isento , illeso.
 Novos descobrimentos ,
 Novas empresas , que o valor ensaia ,
 Te esperaõ venturosos.
 Com que gloria , Senhor , eu volvo a teia
 Do vedado futuro !
 Com que prazer encaro a lusa gloria !
 Eu vejo , eu vejo ainda

Florente a raça dos antigos Lusos ;
 A Sapiencia ornando
 D'inclitos Lauros a fecunda prole
 De Marte e de Minerva
 Sostem do Estado a equilibrada força.
 Escondidos arcanos ,
 Occultos penetrais revolve , e vence
 O infatigavel zelo
 D'improbo estudo , que indefesso occupa
 A juvenil idade.
 Tudo , Senhor , promette alta ventura.
 Vós ouvireis , Vindeiros.
 O rouco som de rigidos tambores ,
 Da fama atroadora
 O guerreiro clarim desperte o écco
 Da posthuma lembrança
 Vós ouvireis ainda o triste brado
 De funebres clamores.
 Vereis n'hum quadro a década presente
 Ao vivo retratada ;
 De morte-cor as sombras o debuxaõ ;
 Pinceis humedecidos
 Em sangue humano o tem delineado.
 Porém voltando o quadro ,
 Vereis a Patria Lusa , o berço antigo
 De heroes aventureiros
 Coroada de loiro , revestida
 De illustres monumentos ,
 Calcando aos pés o orgulho , repellindo
 A furia sanguinosa
 Do ouzado embuste da traicaõ bifronte.
 De materia ductivel ,
 De elástica materia surge a fórma
 Da vingadora espada ,

Que corta os fios de Vulcana rede,
Vereis de Jozõ o Sexto
Amorosos emblemas recamados
De heróicos labores.
A prudencia de hum lado , do outro lado
Benéfica a ternura
Que a regia mão alçando enxuga o pranto
Ao pobre , ao desvalido.
Vereis o braço augusto abrindo o seio
A' candida Virtude ,
Que sobre o throno dos Affonfos brilha:
Gravado em letras d'ouro
Vereis . . . mas não , ó Musa , o plectro afrôxa
Deixa que Elizia cante
As virtudes do Heróe , qu'empunha o sceptro ,
Que os Lusos felicita.



Que conta os foz de Vulcanas rede.
 Verso de João de Saes
 Amorosos emblemas tornados
 De heróicos factos
 A prudencia de hum lado, do outro lado
 Bencha a temura
 Que a terra mad' alendo exura o campo
 Ao pobre, ao desolado.
 Verso o priso augusto, quando o seio
 A candida Virtude
 Que sobre o throno dos Allonses billa
 Gravado em letras d'ouro
 Verso... mas não, ó hum, o pleito arixa
 Deixa que Elia cante
 As virtudes do Herde, da companhia o lepto,
 Que os fuzos felicit.





O D E

A O N A S C I M E N T O

D O

SERENISSIMO PRINCIPE DA BEIRA

O

SENHOR D. ANTONIO I.

*Recitada em Minas Novas do Fanado, aonde o Au-
thor exercia a sua Profissão.*

Hic antes dici pater.

Horat. Lib. i. Od. 2.

Rebenta a rozea primavera os gomos
Do florífero Hymetto : a abelha extrahe
Doirado nectar, com que adoça os favos
Da fabricanda prole.

O leve sopro do sutil Favonio
Beijando a furto o seio delicado
Da mal disperta rosa aviva as cores
Do orvalhado cazulo.

Vegeta o succo nutritivo a planta :
E a crespa inchada casca o germen brota :
Mimosa coma o zéfiro meneia
Nos frondíferos olmos.

Os campos trajaõ roçagantes roupas
De auri-verde matiz ; o humor ensopa
Do salpetre as profundas , tenras hastes
Dos embebidos troncos.

A aurora esparge de rubins a fronte
Do almo dia , que dos Thetios braços
Arrancando a Titan , o curso a pressa
Aos fogosos Ethontes.

De aligero esquadraõ sonoro arrullo
Sauda a luz , que vem doirar-lhe as plumas ;
Os ares cruzaõ revoando soltos
Os trillos , e os gorgeios.

Na verde cama a tábida serpente
Depoem o virus do enraivado gume ,
E da livida escama a crespa fórma
Sibilando a macia.

As carnívoras fauces embotando
A furia deixa desgrenhada e insana
Nos antros cavernosos esfaimada
Sangui-sedenta raça.

Rebentaõ jocos prazenteiros , brotaõ
Os risos innocentes . . . Musa , aonde
Me elevas , e arrebatas ? Que vereda
Confusa , estranha he esta ?

O combro sóbes da Heliconea falda ?
Mas eis que rangem do celeste alcaçar
Os buidos eixos . . ! Numes do alto Olimpo
A todos vos invoco.

A florida estação , que a gente lusa
Anciosa esperava ; os revolvidos
Suspirados momentos , que o doirado
Saturno promettia ;

Os tempos , que a Sybilla em folhas de oiro
 Predisse : as éras da innocencia , os loiros
 Da candida virtude . . . eis são chegados ,
 Eis descem sobre os Lusos.

Ergue a cabeça triumphal , e ufano
 Da musgosa morada estende os olhos
 Sobre a fastosa praça de Ulyffea

O ameno e patrio Tejo.

Ao bronze mudo de José primeiro ,
 Por quem respira o terno amor da Patria ,
 Por quem falla a Virtude , chega , e arranca

Estas vozes do peito: =

Pai da Patria , fecundos ramos brotaõ
 Do tronco augusto ; a estirpe de Bragança ,
 Que o formoso botaõ brotara , rompe
 Desejosos espaços.

O véo nublado da tristeza cahe
 Aos pés do throno. A serpe virulenta
 Da bifronte traiçaõ rangindo os dentes

Envesga os torvos olhos ,

Ao barathro se arroja Os Ceos orvalhaõ
 Frugifera rajada. Ao Ente eterno

Tu que na Elizia habitaçaõ respiras ,

Demanda eternas bençãos . . .

Pai da Patria . . ! = Estas vozes mal profere
 O honrado velho , quando as crespas ondas
 Lambendo-lhe a madeixa , ao centro o levaõ

Do líquido elemento.

A terra treme co'estridor das vagas ,
 Fuzilaõ de repente os horizontes ,
 E de hum rouco trovaõ o ronco abala

A abobeda Celeste.

Abrem-se as portas , as adamantinas
 Portas do Olimpo , aonde Jove assenta
 Sobre estrellados orbes transparentes
 O solio de carbunc'lo.
 Celestes campioes por ordem fazem
 Corte ao Numen supremo. Os astros brilhaõ
 Em circulo da entrada , a maõ , que vibra
 Os raios , espreitando.
 Do Zodiaco a Virgem foragida
 D'entre as lucidas vestes desenvolve
 Candido gremio , e sobre o casto peito
 Reclinado descobre . . .
 Aureo Menino , augusto descendente
 Dos primeiros Affonsos. Revoando
 Sobre o Throno immortal os hymnos poufaõ ,
 E Jove assim prorompe :
 = Hum novo Tito a gente Lusa espera.
 Preencha os votos da equidade , trilhe
 Os caminhos , que jazem desvairados ,
 Da intacta Sapiencia.
 Legitimo Sob'rano as Leis reparta
 A hum Povo invicto , generoso , e forte ,
 Acolhendo benigno ao desgraçado
 E misero indigente ;
 Repartindo a igualdade sobre os filhos
 Que com provida maõ a industria affagaõ.
 Impune o erro as aras manchar póde
 Do merito , e da honra.
 A maõ , que os premios dá , fulmine irada
 O castigo tambem. Os máos succumbem
 Aos effeitos do vicio ; e o justo exige
 O preço da Virtude. =

Acabou de fallar. Themis ameiga

As lindas faces do Menino augusto ;

E Minerva, que a vista lhe arrebatá,

Tres vezes o bafeja.

Entre dois Genios tutelares desce,

Baixa aos Mortaes. A Virgem, que fugira

Da terra, volta a equilibrar-lhe os feitos

Na imparcial balança.

Ao lado a Filha do Immortal o segue,

Vem dirigir-lhe os passos, vem mostrar-lhe

A vereda da gloria. Oh fausto annuncio!

Venturoso presagio!

Comtigo vem, Augusto suspirado

As virtudes, que o Ceo por premio envia

Aos heroes immortaes. Comtigo descem

Ao Luso Estado os Numes . . .

Aquelles Numes, que os thesoiros abrem

Da paz, e da abundancia. Orna a Justiça

D'inclito loiro; a Sapiencia orna

De illustres monumentos.

Affim recolherás doirada messe,

Com que da Patria o seio enriquecendo,

Cumpre, que attrahas as Nações estranhas

Dos mais remotos climas.

Affim dos Póvos amoroso culto

Receberás fiel, constante, e grato.

Affim teu nome ás gerações futuras

Transmittirás com gloria.

As Idades, os ultimos Vindoiros

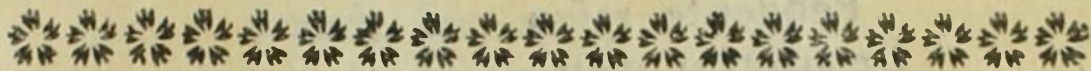
Os teus sublimes feitos entoando,

Repetirão saudosos . . . Basta, ó Musa,

O canto não profigas:

Teme, ou manchar a lingua do teu Vate
Com o vicio da lisonja, ou do futuro
Revolver os arcanos; vai, e humilde
Invoca o Pai da Patria.





ODE ANACREONTICA

A O S A N N O S

D A

ILL.^{MA} SENHORA D. F. D. P. A.

DE alipotente
Cisne do Tejo
Sonóra lyra
Pullando beijo.

Revolvo arcanos ,
Mysterios tóco
Da Venuzina
Musa , qu'invóco.

Tremor convulso
Me agita , e móve ;
Presumo ousado
Ser mais que Jóve.

Naõ me arrebatá
Furor infano ,
De Apóllo cheio
Sou mais que humano.

Brilhante filtro ,
Claraõ de idéias
Na mente ferve ,
Ferve nas veias.

Desfólho loiros ,
Desteco palmas ,
Electricismo
Das grandes almas.

Pendente rasgo
 De arbitrio meu
 Desprende o vôo,
 Remonta ao Ceo.
 Traço distinctas
 Curvas ellipses,
 Formando opacos
 Mútuos eclipses.
 Dos inf'riores
 Transpondo as metas
 Chego aos supernos
 Altos Planetas.
 Descubro as fases
 Do annel delgado,
 Que ornaõ congevo
 Velho encurvado;
 Da immarcescivel
 O'rbita espreito
 Regrado gyro,
 Rumo perfeito.
 Nítidos gruppos
 De estrellas vejo,
 Formando emblemas
 Do Patrio Téjo:
 Pudica Venus,
 Castos Amores
 Fóрмаõ n'hum gruppo
 Raros labores:
 Musa, inspira-me
 Cantos suaves,
 Bem como o doce
 Canto das aves.

Branda soccorre ,
Meiga te inclina
Sobre meus versos ,
Pomba divina. (*)

Facho brilhante ,
Volve a Saturno ,
Qual de outro Febo
Arco diurno.

Genio Celeste
Pega da lyra ,
Antes que a affine ,
Beija , e suspira.

Canta os triunfos ,
Canta os troféos ,
Quando as Virtudes
Volvem-se aos Ceos ,

Depois abrindo
Livro doirado ,
Vê de Francina
O nome gravado.

Meiga ternura
Nectar lhe entorna ,
De loiro a fronte
Sabia lhe adorna.

Vê natalicio
Dia , em que Venus
Abre os de Pafos
Dias serenos ;

Quando os Amôres
Lédos brincando
Sobre a espessura
Soltaõ-se em bando

Vai ,

(*) Allude a Pomba de Anacreonte.

Vai, Cisne estranho,
 Vôa, não temas,
 Que te agrilhõem
 Novas algemas.
 Vai (diz o Genio)
 Quanto t'invéjo !
 Dize á formosa
 Nynfa do Téjo
 Dize a Francina
 Céu ! que transporte !
 Zombe do tempo ,
 Zombe da morte ;
 Pois que os seus dias
 Hoje allongados
 Se reproduzem
 Dias doirados.
 Tu , a quem Jove
 Soube animar ,
 Que outro Planeta
 Foste habitar
 Ouve-me . . . attende . . .
 Deusa . . . respira .
 Tudo emmudece ,
 Quebra-se a lyra .
 Eis d'improviso
 Rasga o claraõ ,
 Róla entre as nuvens
 Rouco trovaõ .
 Sóbe aos Elisios ,
 Genio inspirado ,
 Baixa aos humanos
 Cisne caçado .

CANTATA

OFFERECIDA

A O

ILL.^{MO} SENHOR D. D.^{ZOR} M. J. D. A. T.

DE soltas vagas, que batem,
Rebentaõ gruppos d'espuma;
De mágoa o sangue costuma
Nas frias veias gelar.

Aonio parte, e saudoso
Josino fica a chorar.

Respira brando susurro
De rouxinol, que se queixa;
Do fulvo Téjo a madeixa
Começa o vento a espalhar.
Aonio parte, &c.

Prudente nauta suspira
Ao som de rouco trovaõ,
Varre o luso pavilhaõ
A superficie do mar.
Aonio parte, &c.

Da curva praia os delfins
Já vaõ puxando o batel,
Debalde hum peito fiel
Pertende o pranto enxugar.
Aonio parte, &c.

Qual

Qual níveo cisne , branqueja
O folto pano infunado ,
O lenho desancorado
Principia a manobrar.
Aonio parte , &c.

Em quanto nutre a Amizade
De puros vótos o effeito ,
Suspiros ferem o peito ,
E a celeuma fére o ar.
Aonio parte , &c.

Os ais , que voaõ dispersos ,
Em folto pranto involvidos ,
Depois que vaõ , reflectidos
Vem ter ao mesmo lugar.
Aonio parte , &c.

Cerúleo Numen encosta
A' tona d'agua a cabeça ;
Manda ao noto , que adormeça ,
Em quanto o Euro soprar.
Aonio parte , &c.

De pont'agudos rochedos
Desvia o toque inimigo
A maõ , que marca o perigo ,
Para o saber desviar.
Aonio parte , &c.

As brancas vélas se allongaõ
Da foz amena do Téjo ;
De incauto , ardente desejo
Começa o fogo a atear.
Aonio parte , &c.

Vai , affoito Pergantim ,
Contra o auspicio de Juno ,
Ver nos braços de Neptune
Fria Ursa resonar.
Aonio parte , &c.

Verás na Zona creftada ;
Que aduſta ao Trópico avança ,
Aonde Thetis deſcança ,
E Phebo vai repouſar.
Aonio parte , &c.

Patente , aberta enſeada ,
Dos Genios ſantos cortejo , (*)
Verás de goſto ſobejo
Na curva quilha beijar.
Aonio parte , &c.

Verás , que ao Filho de Themis
A Toga apenas encara ,
Humilde beija-lhe a vara ,
Que recto deve empunhar.
Aonio parte , &c.

Mas oh ! ſaudade cruel !
Por mais que a viſta remonte ,
Mal diſiſo no horizonte
Raza nuvem branquejar !
Aonio parte , &c.

Se acaſo allivio procuro ,
E a novo objecto me encoſto ,
Naõ vejo mais que deſgoſto ,
Naõ vejo mais que pezar.
Adeos , Aonio ; ſaudoſo
Joſino fica a chorar.

(*) *A Bahia de Todos os Santos.*

SONETO.

JA' vem rasgando o véo da rôxa. Aurora
 O flammivomo pai da luz brilhante;
 Já vibra ardente o facho rutilante,
 Que as sombras varre, e a escuridaõ devora.

Affoito nauta o lenho defancora,
 Solícito amador do abrigo errante;
 Lambendo o crespo mar tremola avante
 O luso pavilhaõ, que a pôppa arvora.

Já dispara o canhaõ, a terra treme,
 Co'estampido voraz do rouco estoiro
 Curvaõ-se as ondas, e Neptuno geme.

Vai, lucroso Comboi, rico thesoiro
 Te affiança o valor, que audaz não teme,
 Vai, demanda ao Bratil as barras d'oiro.

S O N E T O .

O Espaço ethéreo divagar presumo ;
Fórmo o projecto , dos mortaes me tiro ;
Hum globo eu teço , que perfaça o gyro ;
Novo Planeta de regrado rumo ;

Revolvo as nuvens entre espesso fumo ,
De Elizia ás torres devolver-me aspiro ;
Que vejo Cinthra , que Cascais , infiro ,
E neste enleio o meu prazer consumo.

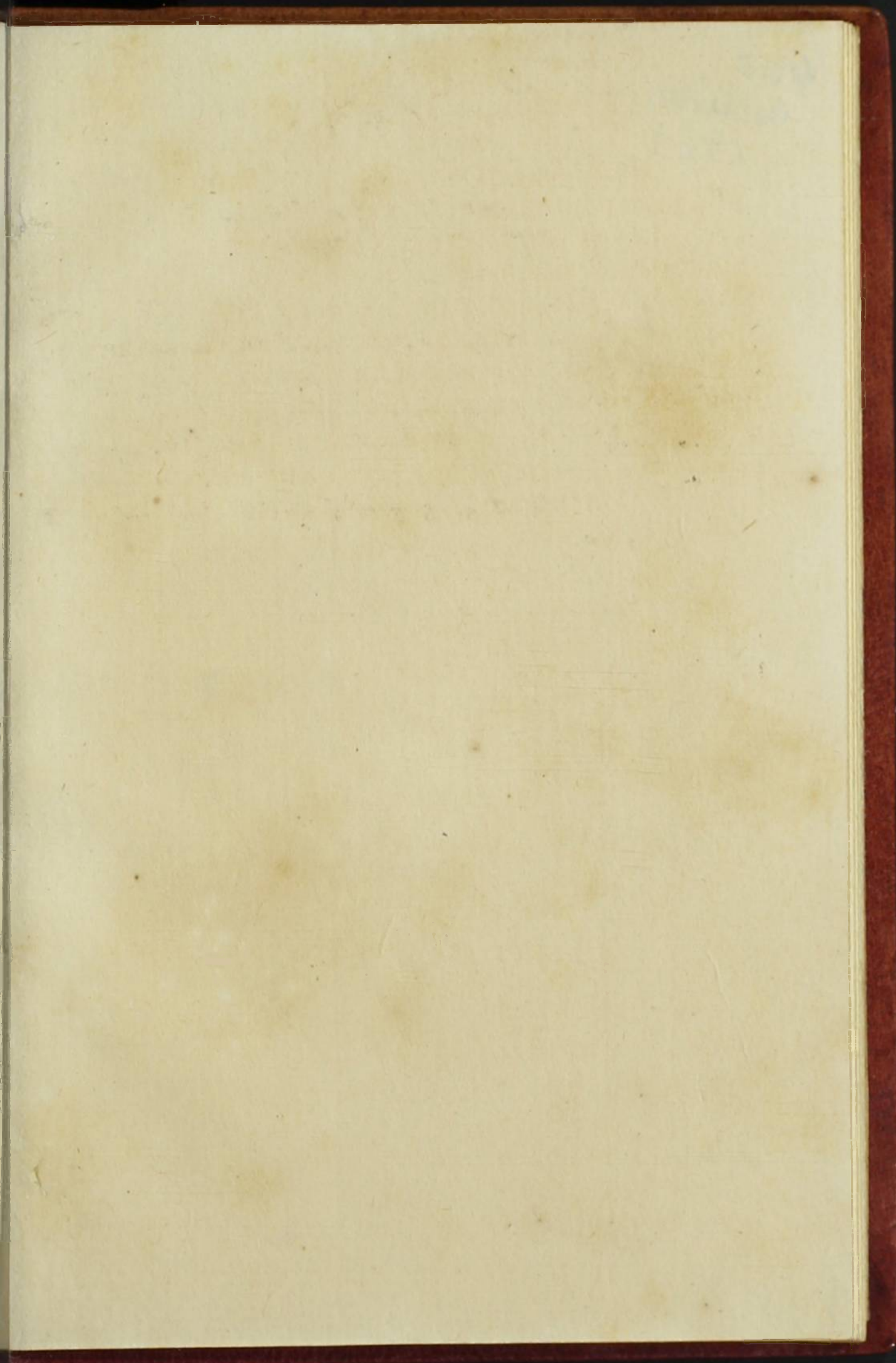
Preoccupado de hum feliz desejo ,
Do azul convexo pelo immenso espaço
Já fulco as ondas do formoso Téjo.

Combino o plano , que na idéa traço ;
Desfaz-se o globo , sobre o mar me vejo ;
Foi tudo emblema de hum prazer escaffo.

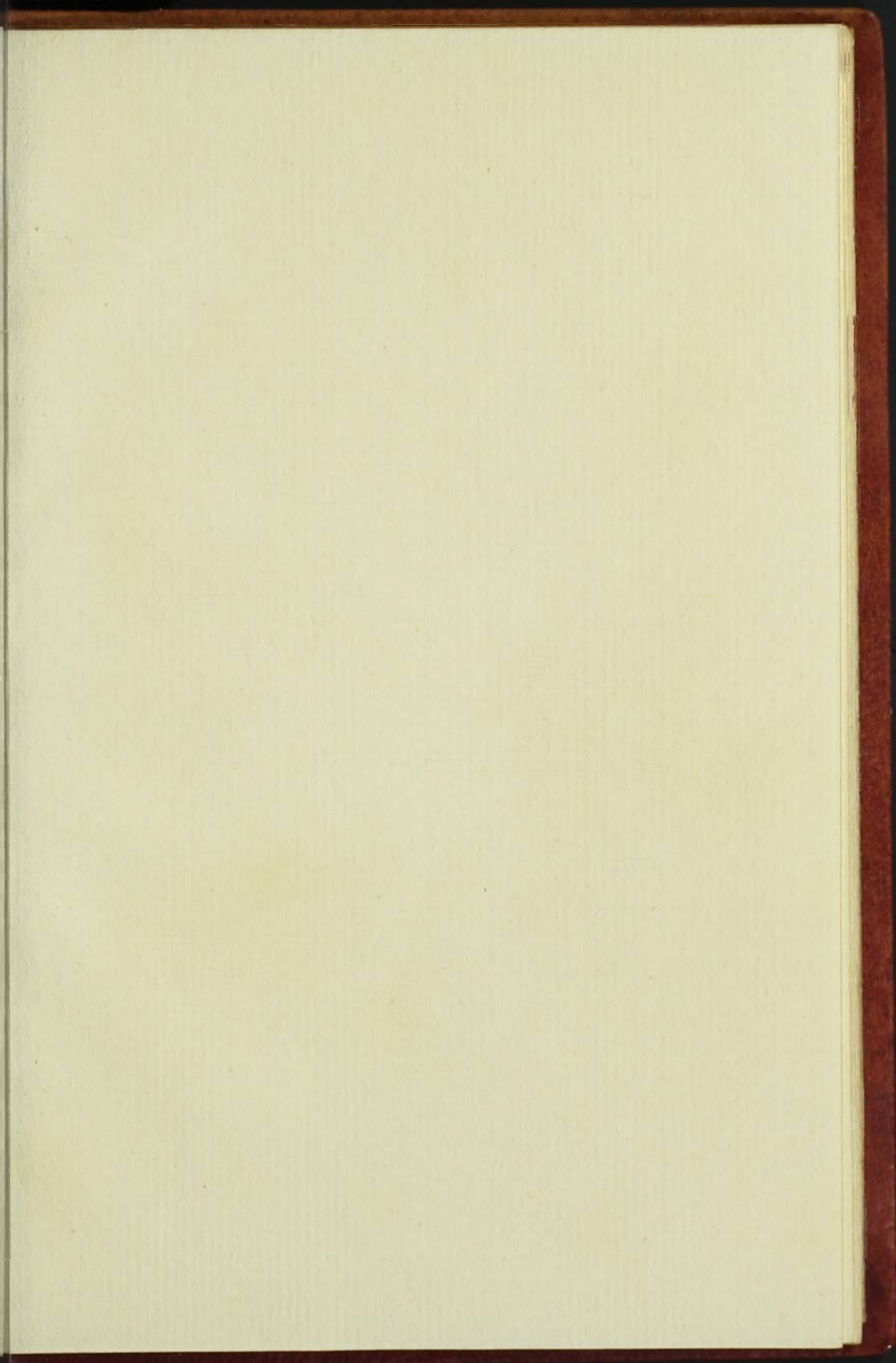
Na

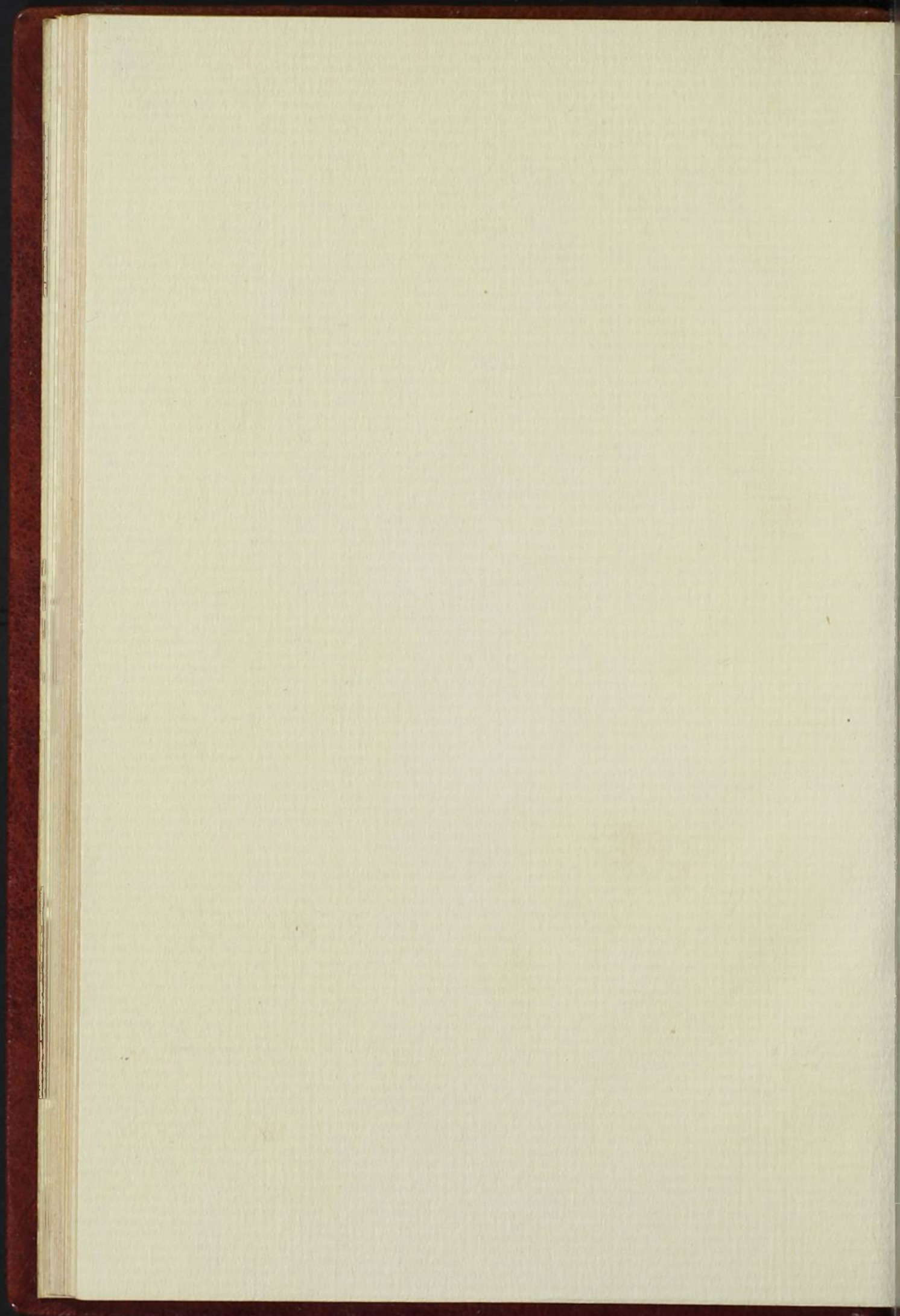
*Este Soneto foi feito , vindo o Author embarcado
do Rio de Janeiro para Lisboa.*

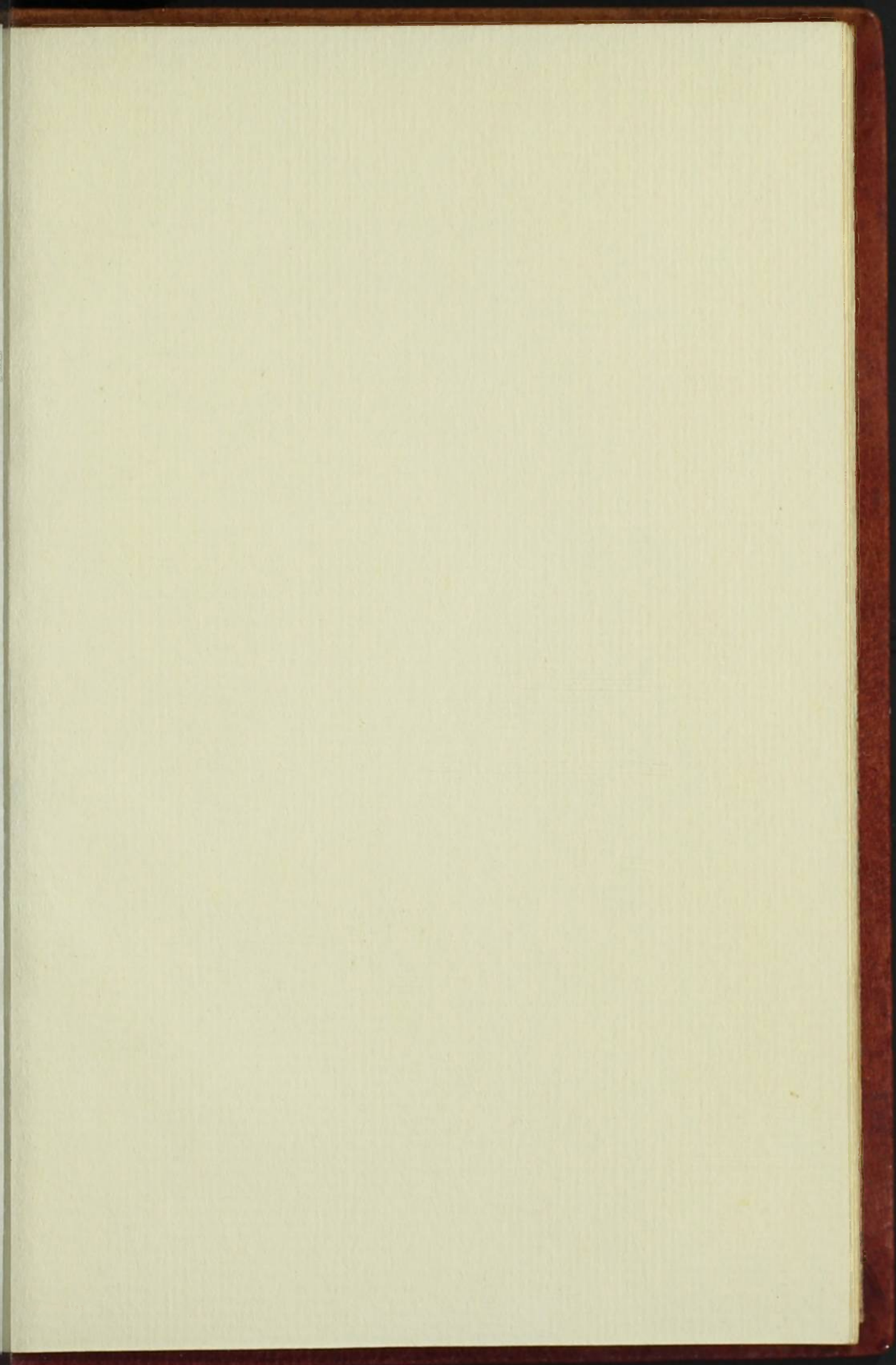
Na Ode I. não lamenta o Author a insignificante perda, que o nosso Commercio tem padecido: o abatimento, que energica, e nervosamente se esforçára exprimir, he aquelle que provem da froxidão, com que os Portuguezes tem desmaiado a respeito do espirito de descoberta. Porém como a Nação tem adquirido mais luzes: e o Reinado presente nos promete prompto socorro ás Artes e ás Sciencias, he de esperar, que em pouco tempo venhão os Portuguezes a recobrar o nome, que adquirirão por meio da navegação.

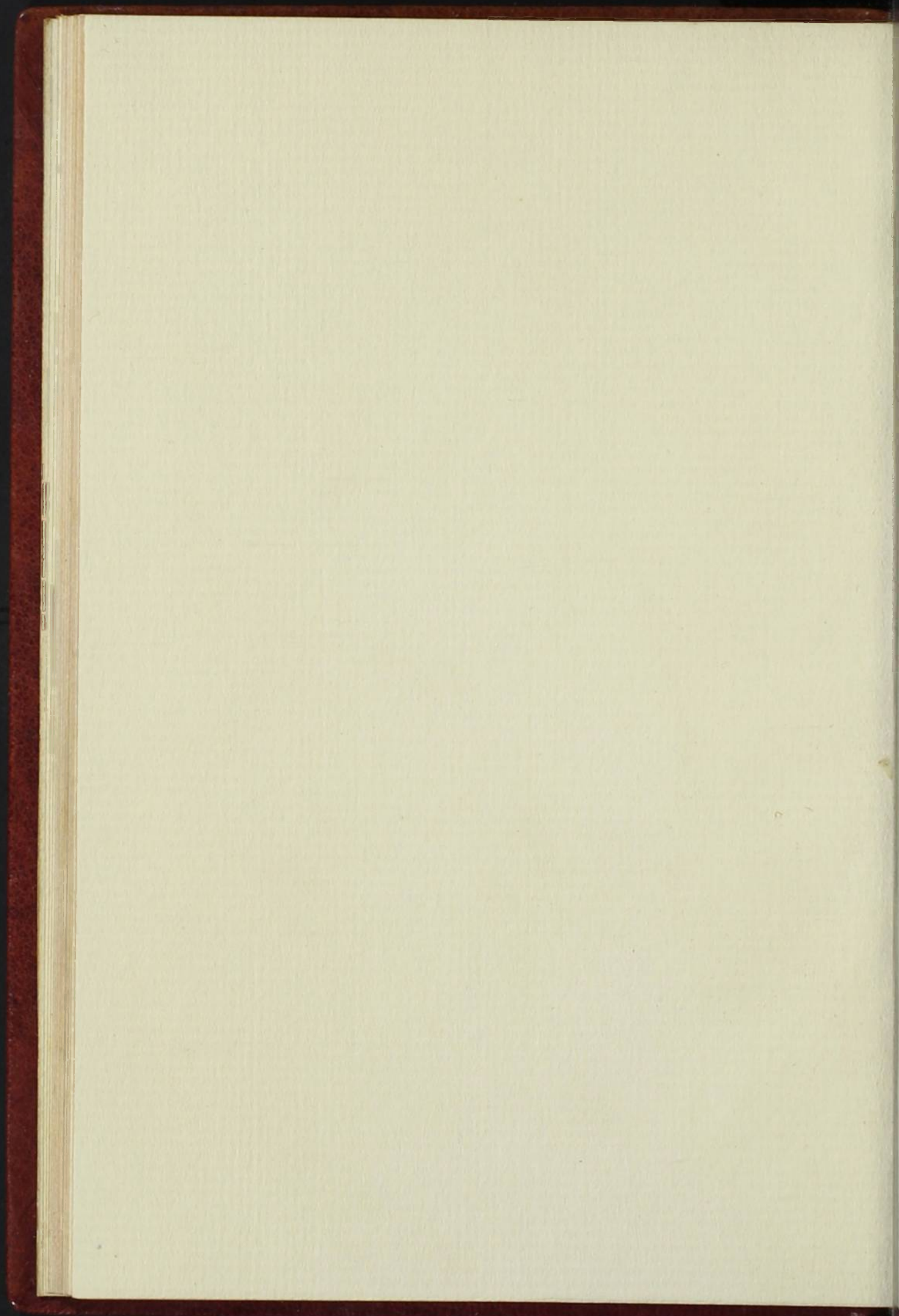


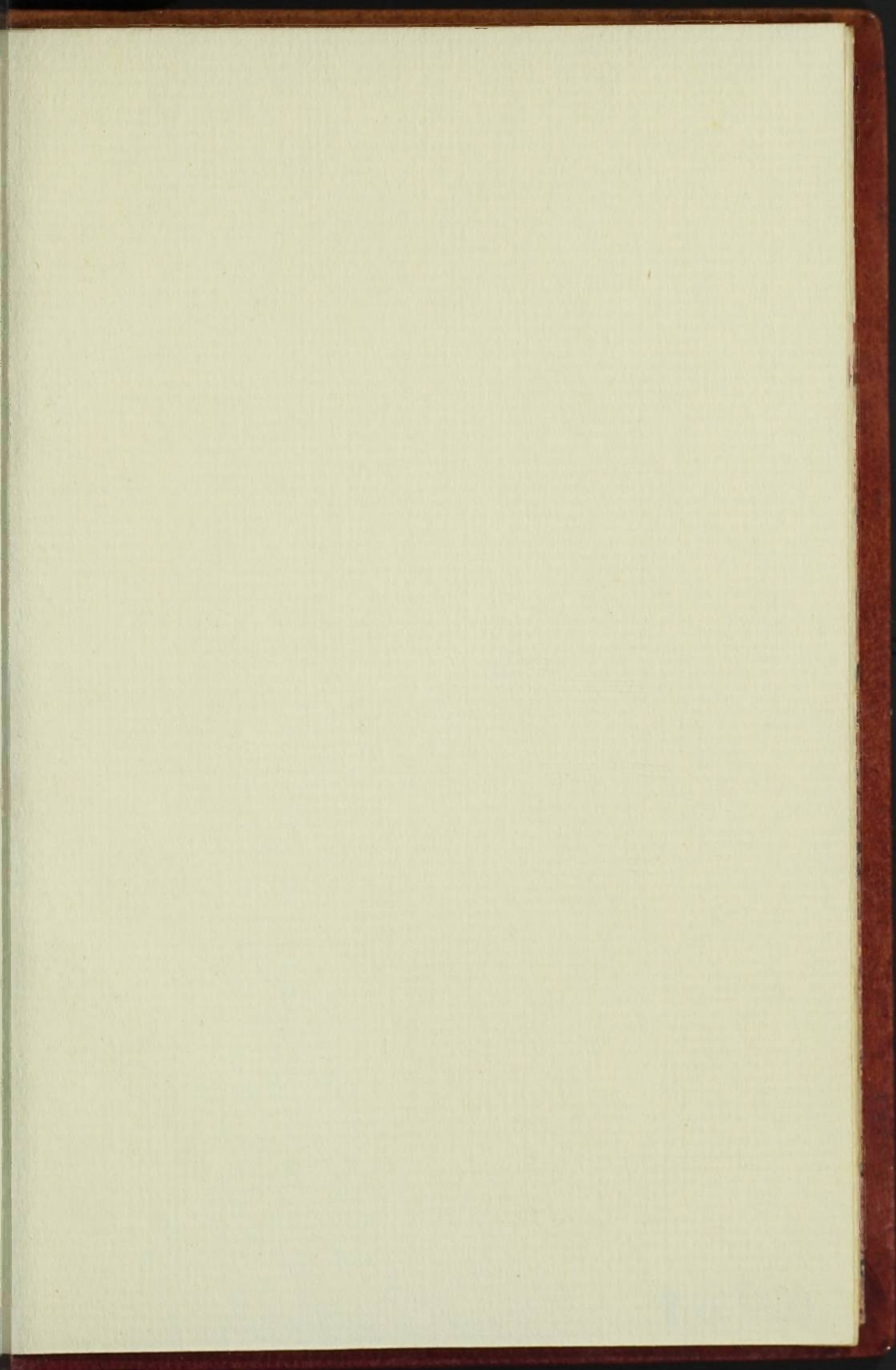
400
escudos
1963











875000

